

PLANO PAULO MACHADO DE CARVALHO: UM PROJETO MODERNIZADOR OU UMA TENTATIVA DE CIVILIZAR OS JOGADORES BRASILEIROS?

Dr. Miguel Archanjo de Freitas Junior¹

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Ponta Grossa, Brasil

mfreitasjr@uepg.br

Recebido em 24 de outubro de 2013

Aprovado em 20 de novembro de 2013

Resumo

O objetivo do presente estudo foi analisar o papel atribuído e exercido pelo Plano Paulo Machado de Carvalho (PPMC), instituído pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD) como um manual coercitivo que buscava "civilizar" os jogadores que iriam representar o Brasil na Copa do Mundo de Futebol de 1958. Envergonhados com a aparência e as atitudes dos jogadores locais, parte da elite nacional tomou para si a responsabilidade de criar um projeto intelectual e ideológico que apresentasse um país moderno. Contatou-se que o PPMC teve um papel importante na conquista do primeiro título brasileiro em uma Copa do Mundo, mas a sua eficácia foi decorrente de uma preocupação generalizada deste planejamento, que estava voltado para os aspectos técnicos, físicos, psíquicos, sociais e culturais dos jogadores, ou seja, é necessário tomar cuidado para não reduzir processo a estado.

Palavras chave: Plano Paulo Machado de Carvalho; Copa do Mundo de Futebol; Brasil Moderno.

Abstract

Paulo Machado de Carvalho plan: a modernizing project or an attempt to civilize brazilian football players?

The aim of this study was to analyze the role assigned and exercised by Paulo Machado de Carvalho Plan (PMCP), established by Brazilian Sports Confederation (CBD) as a coercive manual that sought to "civilize" players who would represent Brazil in Cup world Cup 1958. Embarrassed by the appearance and attitudes of local players, part of the national elite took upon itself the responsibility to create an

¹ Professor e Coordenador do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professor do Programa *Strictu Sensu* em Ciências Sociais Aplicadas da UEPG. Membro do Grupo de Pesquisa Esporte, Lazer e Sociedade e do Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade.

intellectual and ideological project that would present a modern country. It was noted that the PMCP had an important role in the victory of the first Brazilian title in a World Cup, but its effectiveness was due to a widespread concern about this planning, which was thought for solving the technical, physical, psychological, social and cultural issues. So, it's necessary to be careful not to make the mistake of treating a process as if it were a state.

Keywords: Paulo Machado de Carvalho Plan; Football World Cup; Modern Brazil.

1. Introdução

Ao analisar a sociedade brasileira entre as décadas de 1950 e 1960, o historiador Marcos Napolitano (2001) destaca que uma grande parte dos intelectuais nacionais tinha vergonha das atitudes e da imagem que eram expressas pelos brasileiros, para eles o principal problema estava nos tipos humanos. Referindo-se à essa questão presente no cinema nacional daquela década 50, o autor comenta:

[...] quase sempre pessoas pobres, lutando pela vida, ou tipos debochados e cafajestes, malandros que fugiam às normas de conduta da burguesia. Alguns segmentos da sociedade brasileira passaram a gestar um outro projeto de cultura, que pudesse representar a face civilizada do povo brasileiro, provando a capacidade técnica e criativa da nossa sociedade frente a centros urbanos valorizados da Europa e dos Estados Unidos (p. 17-18).

O sentimento de vergonha da elite local ao ver o país representado por indivíduos com os quais eles não se identificavam, pode ser visualizado em diferentes setores da sociedade brasileira. Neste artigo destacaremos a visão apresentada por meio do futebol, o qual terá na obra “A taça do Mundo de 1954”, escrita por João Lyra Filho² o nosso ponto de partida para que se possa perceber a visão que parte da elite local estabelecia sobre os jogadores do selecionado nacional.

Para este intelectual

O estado psicossocial do nosso povo ainda enverdece e os atletas saídos do meio do povo não podem improvisar condições e

² João Lyra Filho é um indivíduo com significativa formação intelectual. Ocupou o cargo de Reitor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, foi ministro do Tribunal de Contas da União, foi Presidente de Finanças do Distrito Federal, Presidente do Conselho Nacional dos Desportos e Presidente do Botafogo Futebol Clube.

instrumentos de superação, ante aquelas provas desportivas que exigem a mobilização de maiores recursos e reservas orgânicas (LYRA FILHO, 1954, p. 52).

Esta observação realizada logo após o fracasso na Copa do Mundo de 1954, indica que as pessoas vindas das camadas mais simples da sociedade agem com base nos seus instintos, ou seja, não se manifestam da forma com que as pessoas mais cultas da sociedade desejavam que eles fizessem, o que permite a Lyra Filho indicar que estes indivíduos apresentam-se em estágios civilizacionais inferiores. Destarte, este tipo de afirmativa não pode ser naturalizada, pois trata-se de uma visão ideológica e de relações sociais estabelecidas pelo e para os homens de uma determinada conjuntura histórica.

No momento em que se realiza a segunda Copa do Mundo de Futebol, após o término da II Guerra Mundial, o Brasil vivia um período de transição política entre os governos de Getúlio Vargas (populista) e de Juscelino Kubistchek (desenvolvimentista)³. Planejamento e organização eram elementos presentes na cultura política dos Anos Dourados, sendo esta uma tendência mundial do pós Segunda Guerra, momento em que metodologias científicas, baseadas em diagnósticos, banco de dados, entrevistas etc., passaram a ser uma exigência da Organização das Nações Unidas(ONU) e de seus respectivos agentes financeiros como o Fundo Mundial Internacional (FMI), Banco Mundial (BM).

No Brasil, organizações como o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB)⁴ e a Comissão de Estudos para a América Latina (CEPAL), mostravam que a prioridade nacional deveria ser a superação do subdesenvolvimento e para isto era

³ Não estamos desconsiderando os governos provisórios e interinos, mas devido ao curto espaço de tempo em que eles permaneceram na presidência não ocasionaram mudanças significativas na cultura política daquele momento.

⁴ O Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) foi criado em julho de 1955 como órgão do Ministério da Educação e Cultura. Foi um dos núcleos mais importantes da elaboração da ideologia nacional-desenvolvimentista que marcou a política brasileira desde a morte de Getúlio Vargas (1954) até a deposição de João Goulart (1964). Entre os seus fundadores estão Hélio Jaguaribe, Candido Mendes e Nelson Sodré. A esse respeito, cf. Beloch e Abreu (1984).

primordial que o homem conseguisse vencer a natureza em todos os seus aspectos. Seguindo esta filosofia a Confederação Brasileira de Futebol (CBD) acreditava que não seria possível vencer uma Copa do Mundo sem modificar as atitudes dos jogadores brasileiros.

Para resolver este problema a entidade máxima do futebol nacional propôs o Plano Paulo Machado de Carvalho⁵ (PPMC). Um projeto intervencionista de cunho civilizatório, composto por 96 artigos, dos quais os primeiros 63 eram relativos aos procedimentos administrativos que envolviam a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), o Conselho Nacional de Desportos (CND), o Conselho Técnico de Futebol (CTF), bem como detalhava as atribuições de cada membro da comissão técnica, detalhes das convocações e obrigações das equipes que tivessem jogadores convocados e as funções do capitão da equipe.

Mesmo entendendo a riqueza deste material, ele não será alvo de avaliação neste artigo, tendo em vista que o nosso objetivo é identificar a forma com que foi estabelecido e recebido o Plano Paulo Machado de Carvalho (PPMC), optou-se em analisar o Regulamento destinado aos Atletas (artigos 64 ao 95 do PPMC), pois como indica Paulo Machado de Carvalho (1957), no preâmbulo do regulamento “Aos atletas convocados para o treinamento, concentração, viagens e jogos da seleção nacional é estabelecido o presente regulamento, cuja obediência deverá ser absoluta”.

2. Plano Paulo Machado de Carvalho: a montagem de uma equipe que representasse a ideologia da elite local

⁵ Paulo Machado de Carvalho nasceu na cidade de São Paulo (1901-1992). Proprietário da Rádio Pan-americana (atualmente Jovem Pan) foi dirigente esportivo respeitado pela qualidade do trabalho que realizou no São Paulo Futebol Clube, durante a gestão de Roberto Gomes Pedrosa, momento em que conseguiu vencer cinco títulos dos oito que disputou.

O início deste planejamento foi baseado nas observações dos argumentos apresentados para as derrotas do futebol brasileiro nas Copas de 1950 e 1954⁶. Pode-se dizer que era praticamente unânime o posicionamento expresso por intelectuais como Mário Filho, Nelson Rodrigues e João Lyra Filho de que o problema estava no homem brasileiro e não na falta de técnica do jogador. Como fica explícito na crônica de Nelson Rodrigues (1993):

Para nós, o futebol não se traduz em termos técnicos e táticos, mas puramente emocionais. Basta lembrar o que foi o jogo Brasil X Hungria, que perdemos no Mundial da Suíça. Eu disse “perdemos” e por quê? Pela superioridade técnica dos adversários? Absolutamente. Creio mesmo que, em técnica, brilho, agilidade mental, somos imbatíveis. Eis a verdade: - antes do jogo com os húngaros, estávamos derrotados emocionalmente. Repito: fomos derrotados por uma dessas tremedeiras obtusas, irracionais e gratuitas. Por que esse medo de bicho, esse pânico selvagem, por quê? Ninguém saberia dizer-lo (p. 34).

Diante desta visão tornava-se premente transformar a administração intuitiva em algo racionalizado, pois só desta maneira seria possível conseguir os resultados esperados. Isso foi fator preponderante para que um dos primeiros cuidados estabelecidos pela CBD fosse voltado para o estereótipo do jogador brasileiro, uma vez que a preocupação era apresentar ao mundo um país desenvolvido, fato este que levou os atletas a realizarem inúmeros testes de saúde, a arrumar os dentes e a controlar os seus impulsos nervosos. Como destaca Ernesto Rodrigues (2007), ao relatar sobre este planejamento: “O relatório de Havelange não deixava dúvidas – Quem não se ajustasse ao programa que fizemos com a ajuda de médicos e psicólogos seria cortado da seleção. Só iria para a Copa da Suécia quem estivesse mentalmente preparado” (p. 63).

Já de início é possível verificar que os jogadores foram conduzidos a regular a sua conduta, agindo de maneira estável e uniforme, o que não quer dizer que as ações

⁶ No preâmbulo do PPMC o supervisor do selecionado Paulo Machado de Carvalho em correspondência encaminhada ao presidente da CBD indica que " Verá V.S., Sr. Presidente, que coisas que a experiência de anteriores jornadas indicava que deversem ser aproveitadas, estão incluídas no plano em anexo.

foram conscientes, mas inicialmente foram aceitas e reproduzidas de forma automática e com a coerção empregada pelos membros do CTF. Neste sentido percebe-se certa semelhança entre o autocontrole dos jogadores, almejado pelo PPMC e alguns critérios apontados por Norbert Elias ao tratar do Processo Civilizador (1993)⁷, principalmente quando este autor destaca que é fundamental perceber a mudança de equilíbrio entre coerções externas e internas, pois a medida que os indivíduos vão incorporando as exigências diminui-se as oscilações das disposições individuais e o controle das expressões emocionais, tornam-se mais confiáveis (MENNELL, 1998, p. 245-246).

Antes de adentrarmos no regulamento propriamente dito, entende-se que é importante compreender quais foram as pessoas que participaram da sua montagem, pois com base no seu *habitus* e nas suas referências sobre o que seria um homem moderno, estabeleceram normas de conduta para indivíduos que eram considerados incapazes de se auto-adequar as exigências de uma sociedade civilizada.

Para a criação do PPMC uma das primeiras pessoas a ser lembrada foi o amigo de Paulo Machado, Ary Silva, um dos pioneiros comentaristas esportivos do rádio brasileiro e um dos grandes nomes da crônica esportiva. Acompanhava o selecionado nacional desde 1938, quando começou a trabalhar na rádio Bandeirantes, sendo considerado pelos seus amigos uma pessoa bastante organizada, pois anotava em um diário tudo que presenciava trabalhando no âmbito esportivo. Foi um dos conselheiros da comissão técnica.⁸

⁷ Optou-se em utilizar alguns conceitos desenvolvidos por este autor, o que não significa assumi-lo como base teórica, pois a sociologia elisiana é basicamente empírica, logo centrar na sua teoria poderia ocasionar um erro de escala e de geografia de análise, pois a sua teoria preocupou-se com a longa duração e foi desenvolvida a partir do processo da civilização européia. Tendo estes cuidados, entendemos que é possível utilizar pensar a partir do pensamento relacional utilizado por este autor, pois como ele mesmo nos alerta as transformações não se dão a partir da vontade de uma única pessoa, mas da somatória de atividades não planejadas que envolvem uma sociedade dinâmica e os seus indivíduos.

⁸ Ari Barroso. Biografia. Disponível em http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_4362.html. Acesso em 24 jun. 2013.

O segundo nome escolhido foi Flávio Iazzeti, um dos responsáveis pela criação da Escola de Árbitros da Federação Paulista de Futebol, tendo ao seu lado o apoio de Paulo Machado de Carvalho e Planet Buarque.⁹ Na década de 40 trabalhou na rádio Pan-americana, em 1950 na TV Tupi, onde realizou várias transmissões ao lado de Planet Buarque. Em 1947, acompanhou um curso de três meses sobre regras de futebol, ministrado na Inglaterra, após este curso “Escreveu o primeiro livro da Escola de Árbitros no qual detalhou a história e interpretação das regras”.¹⁰ Na seleção de 1958, foi responsável em ministrar aulas de arbitragem para os jogadores brasileiros, para que fossem evitados erros por desconhecimento das regras.

Outro convidado foi Paulo Planet Buarque, na época tinha 41 anos de idade era jornalista da Gazeta Esportiva, havia trabalhado na Rádio Record como comentarista. Na Rádio Pan-americana, que fazia parte das Emissoras Unidas de propriedade de Paulo Machado de Carvalho. Assim como Ary Silva, ele também teve envolvimento político, sendo eleito deputado estadual em duas oportunidades.¹¹ Em comemoração aos 50 anos da conquista do mundial da Suécia, a rádio Jovem Pan disponibilizou parte de uma entrevista realizada com este personagem, na qual ele relembra como foi o início dos trabalhos para o planejamento do selecionado nacional:

Aí o Paulo Machado de Carvalho, ele me disse: - eu só disponho de tempo efetivo para gente cuidar deste assunto na hora do almoço e eu vou sugerir que a gente almoce todas as quartas-feiras no Zimertow, nos baixos do prédio da Federação Paulista de Futebol, porque ali nós temos privacidade e podemos inclusive dizer para os curiosos que estamos cuidando simplesmente das transmissões da então rádio panamericana ou mesmo, da Record.” E assim começaram a acontecer as reuniões semanais, através das quais, o Dr. Paulo Machado de Carvalho e cada um de nós expunha um ponto de vista que era

⁹ Ex-presidentes. Os imortais. Disponível em <http://www.aceesp.org.br/presidentes_imortais.asp>. Acesso em 25 jun. 2013.

¹⁰ Flávio Iazzeti (criador da Escola de Árbitros da Federação Paulista. Disponível em <<http://www.terceirotempo.com.br/QFL/Conteudo.aspx?ID=62792>>. Acesso em 30 mai. 2013.

¹¹ Paulo Planet Buarque-jornalista. Disponível <http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_4606.html>. Acessado em 10 jun. 2013.

discutido em minúcias. Então começamos por exemplo, pela convocação. Quais deveriam ser os jogadores capazes de bem representar o Brasil? E desde logo, houve uma certa unanimidade em entendermos que nós precisávamos de ter batalhadores, lutadores acima de grandes *cracks*. Os grandes *cracks* eram-seriam indispensáveis mas deviam ser mesclados com jogadores que tivessem as características necessárias para um campeonato mundial de futebol que é jogado praticamente duas vezes por semana em partidas decisivas, porque eliminatórias.¹²

As suas lembranças fornecem indícios interessantes, o primeiro deles se refere a falta de tempo de Paulo Machado de Carvalho, algo que foi fortemente criticado pela imprensa carioca da época, a qual relatava que ele praticamente não participara da montagem do plano. Na crônica intitulada “Confidencialmente” escrita por Mario Filho, no *Jornal dos Sports* do dia 24 de novembro de 1957, localizou-se a primeira crítica deste literato ao PPMC, publicada neste periódico. Nesta crônica o literato mostra que o Plano apresentava inúmeros problemas, principalmente pelo fato de que ele havia sido feito pelos assessores, devido a falta de tempo do empresário. Além disso, o articulista destaca a figura de Paulo Planet Buarque, “o mesmo que deu uma rasteira em um policial suíço na Copa de 54”.



A Batalha de Berna - Paulo Planet Buarque brigando com um policial Suíço.¹³

¹² Transcrito pelo autor a partir da narração disponível em <http://www.aceesp.org.br/presidentes_imortais.asp>. Acessado em 18 de mai. 2013.

¹³ Disponível em: <<http://www.literaturanaarquibancada.com/2012/06/especial-copas-9-batalha-de-berna.html>>. Acesso em 24 jul. 2013.

Mário Filho não entendia como poderia ser criado um planejamento que objetivava modificar a imagem do Brasil na Europa, se tinha como um dos seus mentores, uma pessoa que na Copa da Suíça foi fotografado agredindo um policial, tornando-se símbolo da falta de controle emocional e do comportamento violento que era atribuído aos brasileiros.

O posicionamento deste cronista reflete uma tensão constante gerada pelos literatos do *Jornal dos Sports* (um dos principais periódicos esportivos da época), representando em certa medida uma tentativa de forças conservadoras, as quais buscavam evitar que ocorresse um processo de modernização no futebol local, principalmente por que mesmo apresentando um significativo capital simbólico, Mario Filho e/ou outros cronistas do periódico não estavam participando da reformulação da estrutura futebolística do selecionado nacional.

Além dos cronistas, havia outro problema a ser administrado, era a eterna rivalidade estabelecida entre paulistas e cariocas. Paulo Machado sabia que não poderia montar uma comissão formada somente por paulistas, pois as críticas da imprensa carioca tornavam-se cada vez mais ácidas. Neste sentido, pode dizer que a escolha do supervisor do selecionado foi estratégica, pois se escolheu para este cargo o Sr. Carlos de Oliveira Nascimento, 54 anos de idade, ex-diretor do Fluminense e então dirigente do Bangu, clube cuja sede ficava em um dos lugares mais quentes do Rio de Janeiro, mas Carlos Nascimento ia lá diariamente e sempre vestindo terno e gravata. Muito mais do que ver nesta atitude uma narração folclórica, entende-se que se buscava para a função de supervisor alguém que apresentasse um comportamento e atitudes formais, neste aspecto a vestimenta era algo fundamental. Além disso, Carlos Nascimento era

amigo pessoal de João Havelange (na época presidente da CBD), considerado “alguém com humor de cão, de pulso firme, e que ficaria responsável em fazer a ligação entre os jogadores e a comissão técnica” (CARDOSO e ROCKMANN, 2005, p. 153).

Para a função de preparador físico, escolheu-se Paulo Lima Amaral, que na época era preparador físico do Botafogo Esporte Clube. Ex-jogador de futebol do Flamengo (1943-1946). Foi um dos primeiros professores de Educação Física formados a trabalhar como preparador físico no futebol (BATISTA, LOURENÇO e CARRION, 2005, p. 5). Paulo Amaral foi o primeiro preparador físico da Seleção, antes dele, esta função era acumulada pelo treinador, que exigia alguns abdominais, um alongamento e começava o treino com bola (CARDOSO e ROCKMANN, 2005, p. 153). Na sua primeira sessão de treinamento na Suécia antes de iniciar a caminhada, ele reuniu os jogadores e explicou o seu método de trabalho:

Vou empregar o preparo atlético, físico e orgânico. *Pelé não entendeu e apurou mais o ouvido.* Explico – O preparo atlético é alcançado por meio da ginástica. Vou empregar o método dinamarquês, que uso no Botafogo. O preparo orgânico consiste na adaptação do organismo ao esforço físico, por meio de saltos, corridas de velocidade, etc., etc. O preparo técnico será realizado com o treinamento especializado. Para os goleiros e os atacantes chutes a gol e bate bola (RODRIGUES FILHO, 1963, p.144 - grifos nossos).

Esta passagem fornece indícios sobre a dificuldade dos jogadores em compreender discursos que fossem realizados com a utilização de termos técnicos/específicos, algo que ocorreu constantemente no PPMC, logo é possível acreditar que em muitos momentos os membros da comissão técnica tiveram que explicar para os jogadores aquilo que eles deveriam cumprir.

De acordo com as memórias de Pelé:

...naquele tempo, a mera presença de um preparador físico, qualquer que fosse sua estratégia, era uma progresso. E o ritmo intenso era bom, especialmente para uma campanha tão curta como a Copa do

Mundo, com um máximo, na época de seis partidas para jogar (NASCIMENTO, 2006, p. 89).

A responsabilidade da parte médica ficou a cargo do Dr. Hilton Gosling, médico do Bangu, desde 1951 onde trabalhou com o dentista Mário Trigo e com o supervisor do clube Carlos Nascimento, oriundo de família bem conceituada no Rio de Janeiro teve uma formação bem acima da média dos brasileiros e por isso, não exerceu só o papel de médico da delegação, também foi responsável em auxiliar na escolha dos locais de concentração, dos locais para comer, dos hotéis... (CARDOSO e ROCKMANN, *op cit.* p.153-154).

A biografia dos membros da comissão que estruturou o PPMC mostra que eles estavam em sintonia com a cultura política estabelecida para aquela conjuntura, pois diante de um passado marcado pelo estigma racial e pela ausência de autocontrole, eles enquanto representantes da elite letrada brasileira, buscaram novos padrões de comportamento, de estética e novas referências culturais, tendo por base a modernidade européia, atribuindo para si a tarefa de auxiliar na reconstrução do futuro do selecionado nacional, buscando fornecer elementos que levassem a uma nova construção da identidade do jogador brasileiro e para isto estabeleceram um projeto de cunho pedagógico, que visava introjetar os seus valores para os representantes da nação.

3. O Plano Paulo Machado de Carvalho: um planejamento modernizador para o futebol brasileiro

Por uma questão funcional, optou-se em condensar os 32 artigos voltados para os jogadores, em quatro categorias articuladas e não dicotômicas, que foram criadas a partir dos objetivos presentes no conteúdo dos artigos.

3.1. Apresentação e conduta pessoal

Como já foi visto anteriormente a CBD tinha uma preocupação com a questão do comportamento dos jogadores que representariam o Brasil na Suécia, por conta disto, estabeleceu que: “Quando em viagem, nos locais de concentração, hotéis, visitas, observar a mais absoluta correção de atitudes, comportamento e de trajar” (PPMC, artigo 74). A dúvida que se levanta aqui é: o que se entende por absoluta correção de atitudes e comportamento?

A leitura de Mário Filho pode fornecer pistas sobre as preocupações que estariam presentes no imaginário do Conselho Técnico de Futebol (CTF).¹⁴ Em seu livro clássico “O Negro no Futebol Brasileiro”, este autor vai mostrar que um dos maiores vexames envolvendo os jogadores brasileiros durante a excursão realizada na Europa em 1956, ocorreu fora de campo:

Em Londres, depois de um treino, Sabará entrou no salão de chá do *Lane Park* Hotel de chinelo, toalha, macacão, camisa e gorriinho de marinheiro, transformado, por alguns, num turbante. Eis a hora sagrada dos ingleses, ou melhor, das inglesas, sobretudo das velhas inglesas. Vendo, de repente, surgir, emoldurado na porta aberta do salão de chá, aquele preto de macacão e chinelos, as velhas inglesas deixaram cair as xícaras que seguravam, religiosamente, nas pontas dos dedos encolhidos, enquanto levavam à boca escancarada a outra mão, livre, para sufocar o grito bem inglês de suprema repulsa.
- *Shocking!* (Chocante). Aquele *shocking* ecoou no Brasil. Como é que o Brasil mandava para Londres, numa representação esportiva, um Sabará? Que é que os ingleses pensariam de nós? (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 320).

Este tipo de narrativa demonstra a forma com que os jogadores brasileiros eram vistos no exterior, a questão do negro provavelmente foi algo utilizado por Mario Filho para poder trabalhar e valorizar o tema principal do seu livro clássico¹⁵. No entanto, a sua representação resistiu o tempo e foi reproduzida inclusive na biografia de Paulo

¹⁴ Nome que será utilizado para designar o grupo que montou o Plano Paulo Machado de Carvalho.

¹⁵ A respeito do projeto ideológico criado por Mario Filho, vale a pena conferir Helal, Soares e Lovisoló (2001).

Machado de Carvalho, o que permite identificar que mesmo os dirigentes do selecionado sofreram influências dos escritos da família Rodrigues:

De novo, o fantasma do racismo rondou a seleção. O culpado de tudo, acusavam os cartolas, era o “escurinho” ponta do Vasco, Sabará. Ele não tinha nada de aparecer de chinelos durante uma improvisada recepção à grã-finagem britânica. Para os dirigentes da CBD, o vexame não era tático, e sim diplomático (CARDOSO e ROCKMANN, *op cit.* p. 146).

Para tentar evitar situações como a narrada por Mário Filho, o CTF estabeleceu que “Nas viagens – ônibus, trens, aviões, automóveis, nos hotéis, concentração, homenagens, banquetes, recepções, etc., os atletas só poderão tomar posse de lugares, de mesa ou alojamento, depois de designados pelos responsáveis” (PPMC, artigo 81). Esta descrição indica a necessidade de alguém definir para os atletas o que seria o comportamento adequado para cada situação, isto fornece indícios de que eles apresentavam dificuldades em compreender o que estava estabelecido no planejamento, algo que era decorrente da falta de experiência dos atletas em conviver em ambientes diferentes (muitas vezes refinados), os quais “exigem” comportamentos diferenciados, que variam de acordo com cada ocasião.

Neste aspecto o planejamento coaduna com o posicionamento apresentado anteriormente por Lyra Filho, ao mostrar que

Nenhum atleta ou jogador, saído do seio do povo, tem poder miraculoso para improvisar atributos culturalmente cristalizados [...] Não são muitos dentre os jogadores de futebol, aqueles que sabem ler e escrever corretamente (LYRA FILHO, 1973, p. 102).

Como os dirigentes da delegação eram considerados pessoas civilizadas, eles se tornaram responsáveis em definir quando e como os atletas deveriam se comportar. Guardadas as devidas singularidades, estas preocupações aproximam-se da definição estabelecida por Norbert Elias (2000) para o conceito de civilização,

[...] expressa a autoconsciência do Ocidente. Poderíamos inclusive afirmar: a consciência nacional. Ele resume tudo em que a sociedade ocidental dos últimos dois ou três séculos se julga superior a sociedade mais antigas ou a sociedades contemporâneas "mais primitivas". Com esse termo a sociedade ocidental procura descrever em que constitui seu caráter especial e tudo aquilo de que se orgulha: o nível de sua tecnologia, a natureza de suas maneiras (costumes), o desenvolvimento do seu conhecimento científico ou visão de mundo, e muito mais (p. 5).

O PPMC é considerado como uma atitude coercitiva na mudança do padrão social a que o indivíduo é submetido, através de restrição externa estabelecida por pessoas que se auto consideram civilizadas e detentoras de boas maneiras e por isso, buscam levar os jogadores a apresentar-se dentro de um padrão considerado aceitável para alguém que irá representar um país que persegue o ideal de modernidade. Neste sentido, a CBD buscou padronizar também as vestimentas, exigindo que:

Quando em viagem pelo exterior, os atletas deverão usar obrigatoriamente a indumentária que lhes for determinada, a qual será fornecida pela CBD, e que se constitui de dois tipos: a) Uniforme de viagem, visitas e recepções, de uso obrigatório nessas oportunidades (2 pares de ternos, sapatos) ; b) Uniforme para permanência no interior de hotéis ou locais de concentração (2 agasalhos, tênis, 2 camisetas, 2 shorts, meias curtas) (PPMC, artigo 75).

Este tipo de padronização faria com que os atletas não corressem riscos de estarem inadequadamente trajados, pois para situações formais estava previsto vestimentas clássicas e para as situações informais roupas esportivas, contudo cabe aqui destacar, que mesmo estando previsto no PPMC a vestimenta os atletas deveriam utilizar aquilo que lhes fosse determinado.

Gilberto Freyre (1986) ao estudar o hábito do vestuário brasileiro, mostra que para o homem ser considerado moderno e elegante é necessário acompanhar a moda que é produzida na Inglaterra, independente das diferenças climáticas e culturais e foi isto que os dirigentes da CBD fizeram, encontraram uma vestimenta que fosse esteticamente agradável para quem olhava, sem preocupar-se que aquele tipo de roupa era fora do padrão da grande maioria dos jogadores de futebol da década de 50 (p. 106-107).

Exceções existiam, como Zagallo, por exemplo, para o qual o vestuário indicado era algo importante: “Você não pode representar um país sem todo mundo estar dignamente com um terno e uma gravata, mostrando que existe organização. Isso é um princípio básico de tudo na vida” (RODRIGUES, 2007, p. 65). É importante destacar que este jogador teve uma vida diferenciada da grande maioria dos seus companheiros de equipe. Foi criado em uma família de bom poder aquisitivo, seus pais estudaram na Europa e Zagalo estudou no Colégio Militar do Rio de Janeiro e no Externato São José, ambos os colégios estavam entre os melhores do Rio de Janeiro, pela qualidade de ensino oferecida e pelo alto padrão de exigência comportamental que era exigido (ERTHAL e BORGES, 1996, p. 11-13).

O depoimento de Zagalo revela a importância psicológica que a vestimenta adequada proporcionou para os jogadores, pois a roupa (principalmente o terno) era visto como sinônimo de elegância, melhorando a autoestima dos jogadores e proporcionando para as outras pessoas uma bonita estética visual.

Por outro lado, havia jogadores que assim como Garrincha praticamente não freqüentaram a escola e nem tiveram informações básicas, que eram necessárias para o convívio social. Ao tratar do Processo Civilizador, Norbert Elias vai mostrar que as primeiras experiências civilizatórias são fundamentais na criação do *habitus* (DUNNING & MENNEL, 1997, p. 9). Neste aspecto é importante salientar que Garrincha teve uma vida de total liberdade, sem imposição de limites e sem muitas cobranças por parte dos seus pais (FREITAS JUNIOR, 2005, p. 206). Este jogador viveu um dilema, decorrente do contraste entre a sua habilidade para o campo específico e a sua dificuldade de adaptação para o modelo de homem desejado.

A qualidade técnica de Garrincha era inquestionável, mas ele se tornou alvo de inúmeras histórias que simbolizavam a simplicidade e a ignorância do jogador brasileiro, muitas destas histórias tornaram-se folclóricas, outras talvez não tenham ocorrido ou ganharam novos significados com o passar do tempo, mas o ponto importante é que elas representavam o atraso cultural da população brasileira quando comparada com os países desenvolvidos e com o ideal de homem brasileiro estabelecido pela elite local.

Neste sentido, Garrincha aparece como contradição, criando situações que subvertiam ao PPMC, que deveria ser seguido por todos os atletas. Ele representa uma parte da realidade popular, através das suas atitudes simples, mas por outro lado ele não se entregou as exigências impostas pelos dirigentes, atitude feita de forma inconsciente e por isso não podendo ser considerada revolucionária, pois este atleta não adquiriu a desejada consciência nacional, mas também não desejava mudar as situações, ele só queria continuar sendo quem ele era.



Copa do Mundo de 1958, na Suécia. Garrincha aparece ao lado de Mazzola com um traje totalmente fora do padrão que fora pré-estabelecido.¹⁶

Garrincha foi o único jogador brasileiro fotografado com uma indumentária fora do padrão estabelecido pela CBD “Garrincha apareceu no hall de Chapéu Chile na

¹⁶ Fonte: Revista Manchete Esportiva, Rio de Janeiro, 26 abr. 1958.

cabeça e guarda-chuva pendurado no braço esquerdo, que encolhera”. (RODRIGUES, 1958, p.34). DaMatta (1984) ao tratar da cultura brasileira demonstra que: “O uniforme é uma roupa que uniformiza, isto é faz com que todos fiquem iguais, sujeitos a uma mesma ordenação e princípio do governo” (p. 74), como Garrincha não estava acostumado com este estilo de roupa, ele teria buscado uma alternativa para não fugir muito do padrão estabelecido para todos, mas que o aproximasse da identidade carioca, e para isto ele fez algumas adaptações ao vestuário acrescentando-lhe um chapéu e um guarda chuva preso ao braço (CASTRO, 1992, p. 147), e após justificar-se aos dirigentes tudo acabou ficando acertado. Garrincha pode ser classificado como o que DaMatta (1984) vai chamar de malandro, que para este autor é um personagem nacional. “É um papel social que está a nossa disposição para ser vivido no momento em que acharmos que a lei pode ser esquecida ou até mesmo burlada com certa classe e jeito” (p. 103).

Fato semelhante ocorrerá com o atleta Dida, que também desrespeitou o que estava previsto no PPMC, mas este jogador fez de maneira consciente, como uma forma de reivindicar por algo que ele achava correto:

Só agora Pelé reparou na barba por fazer de Dida. Devia ser uma barba de dias, pois Dida não tinha barba cerrada. O seu Nascimento não ia gostar, pois tinha avisado no primeiro dia: - Os jogadores devem descer para o café somente de banho tomado e barba feita.... Pelé fechou os olhos de novo. De olhos fechados viu Dida de barba grande, ouviu Carlos Nascimento dizendo: - O jogador que descer para o café sem ter feito a barba, volta (RODRIGUES FILHO, 1963, p. 190).

Dida tinha deixado a barba crescer em sinal de protesto, por ter sido escalado para o jogo amistoso em Florença. De acordo com as memórias de Pelé, este atleta estava sentindo dores no tornozelo, mas após fazer os testes a comissão técnica resolveu que não iria poupá-lo, pois a partir do relatório médico puderam constatar que ele não

estava machucado e sim preocupado com questões particulares (*ibid*, p. 193), o que contrariava os pressupostos do PPMC no qual os interesses coletivos deveriam prevalecer, como sinal do seu descontentamento com a atitude dos dirigentes Dida deixou a barba crescer, algo que ia contra os preceitos do regulamento estabelecido pelo CTF. Sendo mais uma situação que se encaixa no que DaMatta (1984) vai definir como o jeitinho brasileiro:

... seriam modos de enfrentar essas contradições e paradoxos de modo tipicamente brasileiro. Ou seja: fazendo uma mediação também pessoal entre a lei, a situação onde ela deveria aplicar-se e as pessoas nela implicadas, de tal sorte que nada se modifique, apenas ficando a lei um pouco desmoralizada – mas, como ela é insensível e não é gente como nós, todo mundo fica, como se diz, numa boa, e a vida retorna ao seu normal (p. 97).

Este tipo de situação não é aceita em países modernos em que a lei, ou os regulamentos só são escritos para serem cumpridos e estas leis são aplicadas para todas as pessoas, mas o caso brasileiro revela os esforços de um país que buscava modernizar-se, mas que vivia a tensão entre o modelo idealizado e as respostas fornecidas pelos jogadores, o que levava a insatisfação dos dirigentes, mas não houve punição como estava previsto no regulamento, repetindo o que acontecia na sociedade brasileira em que fora criado um sistema de compensação pelo qual as leis acabavam ficando somente no papel.

3.2. Horários e locais

Além da questão da aparência física os membros do CTF buscaram controlar o cotidiano dos jogadores, para isto estabeleceu-se que ninguém poderia deixar o alojamento sem autorização e que os horários previamente estabelecidos deveriam ser respeitados. A primeira vista o controle do tempo pode parecer algo exagerado, mas se esta atitude for sociologicamente observada é possível perceber que a noção de tempo:

(...) resulta de um longo processo de aprendizagem, que não teve um começo na história da humanidade. Todo o indivíduo, por maior que seja sua contribuição criadora, constrói a partir de um patrimônio de saber no que concerne ao conhecimento do tempo (ELIAS, 1998, p. 10).

A noção de tempo depende das experiências anteriores e de maneira geral podia-se dar diferentes interpretações às questões temporais, por isso exigiu-se que todos os atletas respeitassem os horários estabelecidos para comer, dormir, treinar, descansar ..., não sendo admitido nenhum tipo de atraso. A sociedade moderna é pautada pelo tempo autômato o que obriga maior exatidão nos horários para realizar as diversas tarefas, algo que se faz necessário com o objetivo de organizar o trabalho coletivo. Mas controlar somente o tempo não era suficiente, tornava-se necessário controlar os lugares que os jogadores poderiam freqüentar “Não se ausentar dos hotéis ou locais de concentração sem prévia autorização da direção técnica” (PPMC, artigo 72). A preocupação estava voltada para as possíveis fugas dos atletas, que poderiam comprometer o seu rendimento físico e principalmente a imagem do país. Algo que fica explícito através do presente artigo do regulamento

No período de convocação, em território nacional ou estrangeiro, fica proibida a freqüência a lugares pouco recomendáveis, casas de jogos, cabarés, dancings, etc. ainda quando licenças tenham sido concedidas para passeios e distrações (PPMC, artigo 78).

Por isso, este tipo de atitude era tido como algo inadmissível sendo o único artigo a ser qualificado como gravíssimo. Era proibido aos jogadores

Ausentar-se da cidade ou pernoitar fora do local de concentração, sem conhecimento prévio e expressa autorização da direção técnica. Constitui falta gravíssima, que importará no desligamento sumário da delegação, ainda que em viagem pelo exterior (PPMC, artigo 79).

O controle não estava somente na saída dos atletas, mas também com quem e em que momento eles poderiam falar, pois se acreditava que nada deveria tirar a concentração dos jogadores. A lembrança dos bastidores que antecederam a final da

Copa do Mundo de 1950, ainda eram bastante forte na memória dos dirigentes brasileiros. Independente da intensidade de pessoas que estiveram presentes na concentração do selecionado naquela oportunidade, desta vez definiu-se radicalizar e para isto: “Com exceção dos que estão autorizados; não será permitida a saída do recinto de concentração, sob qualquer pretexto, bem como o recebimento de visitas sem autorização da direção técnica” (PPMC, artigo 88).

A cultura e os meios de comunicação são elementos que demonstram os caminhos da transformação em curso, por isso, um dos símbolos da modernidade daquele momento foi severamente controlado:

Fica limitado ao mínimo indispensável o uso dos telefones nos hotéis e locais de concentração, estabelecendo-se para o assunto as seguintes disposições: a) O telefone estará sempre sob guarda de elementos indicados que atenderá os chamados de fora, decidindo sobre a conveniência ou não de chamar o atleta procurado; b) O elemento indicado para a guarda do telefone deverá conceder autorização para o uso do telefone quando o atleta quiser fazer chamadas para fora, devendo ser inteirado nesse caso, do assunto do telefonema, para autorizá-lo ou não; c) Será permitido o uso do telefone aos atletas, para comunicações com os seus familiares, recomendando-se, entretanto o uso dessa faculdade para os casos imperiosos e com duração restrita da ligação (PPMC, artigo 89).

A visão dos dirigentes sobre a relação dos jogadores com a sociedade permite inferir que os dirigentes buscavam evitar que os atletas tivessem algum tipo de preocupação com problemas externos. Por outro lado, esta atitude revela um sistema de violência simbólica, que vem encoberto por um discurso de valorização do homem e da sociedade brasileira.

Ainda quanto ao controle das ações dos atletas dentro da concentração determinou-se que “Não será permitida a permanência dos atletas nos quartos de alojamentos, fora dos horários estabelecidos para repouso, a não ser para mudança de roupa ou por indicação do médico” (PPMC, artigo 87). Estas precauções eram para que

fosse evitado qualquer contato mais íntimo dos jogadores com mulheres, pois durante o mundial a preocupação dos atletas deveria estar somente voltada para a conquista da Copa do Mundo (CARDOSO e ROCKMANN, *op cit*, p. 167).

Um dos jogadores que mais sofreu com este controle, foi Didi. Não que este jogador gostasse de uma vida desregrada, a sua biografia e alguns documentos da época demonstram que ele não gostava de afastar-se de sua esposa Guiomar. Como naquele momento Didi tinha o maior salário do Brasil, pois para evitar que ele fosse embora para a Europa o Botafogo pagava-lhe 80 mil cruzeiros por mês, enquanto atletas como Pelé, que havia se tornado titular do Santos e recebia como os grandes atletas daquela equipe e do Brasil, ganhava 13 mil cruzeiros por mês. Além disso, Didi acreditava ser detentor de uma vantagem moral, por ter feito o gol que classificou o Brasil para a Copa do Mundo, o que lhe dava credibilidade para conversar com Paulo Machado de Carvalho:

Eu quero dizer ao senhor se a Guiomar for, vai por minha conta e não vai atrapalhar.
- A Guiomar não vai, Didi – disse Paulo Machado de Carvalho...
- Por que, Dr. Paulo? – Porque vamos para um campeonato do mundo. Eu tenho mulher, filhos e netos e vou sozinho (CARDOSO e ROCKMANN, *op cit*, p. 43).

Paulo Machado tentava explicar para Didi, que naquele momento a nação estava precisando dele e que a defesa dos interesses da pátria deveria ser maior do que tudo, não importava quem iria pagar as despesas, o regime dos jogadores seria de internato e a única preocupação deveria ser os adversários, mesmo os dirigentes deixariam tudo para trás buscando alcançar o objetivo estabelecido, por isso estava explícito em um dos artigos do PPMC:

Não se fazer acompanhar de quem quer que seja, estranho à seleção, nos treinos, jogos, vestiários, locais de concentração e alojamento, nem pretender facilidades de entradas nos estádios a terceiros, ou meios de condução utilizados pela delegação (PPMC, artigo 68).

Esta atitude foi fortemente criticada por Nelson Rodrigues (1958) que sempre acreditou que o futebol e mais especificamente o jogador de futebol são movidos pela paixão e neste aspecto Guiomar era a motivação que Didi precisava para ter um bom rendimento. Mas neste caso, o CTF manteve a sua postura, todos os jogadores e dirigentes foram impedidos de levarem as suas esposas, filhos e parentes para a Copa do Mundo, pois os resquícios de 54 estavam bem vivos na memória e o CTF não pretendia correr os mesmos riscos.

Estrategicamente utilizou-se da necessidade de uma coesão grupal, como forma de poder controlar todos os jogadores da equipe, mesmo aqueles que não estavam jogando. Partindo da justificativa que o grupo deveria permanecer unido, o CTF determinou que “Quando por ocasião dos jogos, os atletas não escalados para integrarem a equipe não poderão ausentar-se, devendo permanecer em lugar de fácil localização, e sendo obrigados, em qualquer hipótese, a assisti-los” (PPMC, artigo 83).

O atleta era visto como representante máximo, a elite da nação, desta maneira as suas atitudes deveriam ser condizentes com o papel social que ele representava naquela oportunidade, por isso ele deveria “Manter regime de vida adequado a sua condição de atleta e esportista em serviço da seleção nacional, preservando assim sua melhor forma física e cultivando o respeito devido ao atleta em tal posição” (PPMC, artigo 67).

O próprio regulamento se encarregava de especificar o que seria um estilo de vida saudável: “Nos vestiários, antes e no intervalo das partidas é expressamente proibido o uso do fumo, estendendo-se essa proibição, naquele local, aos eventuais presentes ao mesmo, ainda que com posição na delegação ou visitantes” (PPMC, artigo 84). O que indica que a prática do tabagismo era algo comum, mesmo entre pessoas consideradas membros da elite e que neste caso também deveriam seguir esta norma.

Entre as exigências que faziam parte do controle das atitudes dos atletas, enquanto legítimos representantes do Brasil estavam as seguintes proibições “Não tomar parte em jogos de azar” (PPMC, artigo 71). No mesmo sentido “Nos hotéis ou locais de concentração é proibida a permanência dos atletas no bar, bem como o uso de bebidas alcoólicas” (PPMC, artigo 77).

3.3. Necessidade de educação formal mínima

Alguns artigos presentes no PPMC demonstram claramente a necessidade de que os jogadores apresentassem uma formação educacional mínima, sabendo pelo menos ler e escrever, algo que é contraditório ao perfil do jogador de futebol que João Lyra Filho entregou no relatório da CBD em 1954, o qual indicava que a grande maioria dos jogadores de futebol daquela seleção era quase analfabeta. Entretanto, nesta Copa do Mundo os atletas precisavam ter conhecimento de algumas informações diárias, que eram apresentadas textualmente:

Quando da assinatura diária do livro de ponto, nos locais de treinos, concentração ou alojamento, ler atentamente as instruções e a Ordem do Dia nele contidas, para a sua fiel observância, e submeter-se a pesagem para anotação no respectivo livro ponto (PPMC, artigo 66).

Em outro artigo indicava-se que “As determinações diárias dos responsáveis serão afixadas no livro ponto, ou local apropriado, e os atletas estarão obrigados a delas tomar conhecimento, de manhã, ao levantar, após as refeições e ao se escolherem” (PPMC, artigo 91). Estes artigos nos remetem para algumas possibilidades: 1) Havia alguém que era responsável em ler e explicar aos jogadores quais eram as instruções apresentadas pelos dirigentes da CBD. Esta pessoa poderia ser alguém da própria comissão técnica, que teria sido designada para esta tarefa, ou então, de maneira mais informal os atletas se ajudavam, aqueles que tinham uma melhor formação educacional

auxiliavam aqueles que apresentavam dificuldades para ler e principalmente para entender o que estava escrito. Entretanto, nenhum destes tipos de auxílio foi localizado nos documentos analisados (Biografias, autobiografias, o Plano Paulo Machado de Carvalho, jornais da época), mas frente ao perfil do jogador brasileiro que foi apresentado anteriormente, esta possibilidade não deve ser descartada; 2) O perfil do atleta brasileiro não era correspondente ao que foi retratado por Lyra Filho e que muitas vezes foi apresentado de forma romântica pela intelectualidade da época. Os jogadores do selecionado nacional, simbolicamente faziam parte de uma elite esportiva local e como membros desta elite, apresentavam a formação mínima necessária, para poder ler e interpretar os avisos e as normas que lhes eram atribuídas. Esta é uma hipótese mais distante da realidade, no entanto é uma possibilidade frente as situações contraditórias que surgem com o novo projeto modernizador.

Independente dos mecanismos utilizados pelos atletas para ter acesso as informações, o que fica evidenciado é que eles não poderiam descumprir aquilo que foi publicado, pois:

O não cumprimento de qualquer dos itens do regulamento, que poderá sofrer alterações no decurso do período de atividades do selecionado, importará em infração e nas conseqüentes penalidades, que serão aplicadas pelo Tribunal Especial a ser constituído junto à delegação, não procedendo qualquer alegação de desconhecimento deste regulamento, que será fornecido a cada um dos atletas convocados (PPMC, artigo 95).

Não foi possível aferir a veracidade destas informações tendo em vista que elas não são mencionadas nos documentos analisados, os quais não se referem a criação do Tribunal Especial, o que nos leva a acreditar que esta atitude tinha uma intenção mais coercitiva do que punitiva, ou seja, buscou-se através de ameaças evitar que os atletas realizassem alguma atitude que fosse contrária aos parâmetros estabelecidos pelos dirigentes da CBD. Entendeu-se que a forma mais eficiente para que se pudesse ter

algum tipo de mudança de comportamento era através da ameaça, da vigilância e da preocupação com uma possível punição.

Neste contexto, o capitão do selecionado teria um papel central, pois era o representante legítimo dos jogadores e de forma velada, seria o elemento que levaria as informações necessárias para os dirigentes da CBD, o que influenciaria para que não houvesse o mesmo desgaste ocorrido com o selecionado nacional, no sul-americano realizado 5 anos antes na cidade de Lima:

Diariamente será escolhido entre os próprios atletas integrantes da seleção nacional, aquele que será o chefe da delegação naquele dia, o qual apresentará ao fim do dia ao capitão do dia, um relatório das ocorrências havidas, tornando-se responsável por qualquer anormalidade não relatada, incumbindo-se o capitão de transmitir à direção técnica o relatório recebido, diariamente (PPMC, artigo 92).

Complementando esta norma, apresentou-se outro artigo mostrando que:

Qualquer anormalidade que se verifique, ou reclamação cabível, deverá ser levada pelos atletas ao conhecimento do capitão, o qual delas tomará nota para comunicação à direção técnica, para o exame da sua procedência e as providências cabíveis em cada caso (PPMC, artigo 94).

Estes artigos apresentam uma conotação moral, ao incentivar o trabalho em equipe, a possibilidade de reivindicação, a necessidade de respeito a hierarquia, a possibilidade de escolher alguém para representar o jogador e principalmente a possibilidade de que qualquer jogador poderia ser escolhido. Contudo este representante era uma figura que ia levar todas as informações para os dirigentes da CBD, que por sua vez tinham a possibilidade de manter o controle das ações dos jogadores, dentro e fora do campo.

Até aqui se verificou que o treinador deixou de ser uma figura centralizadora e que decidia pelos desígnios da equipe. Neste planejamento tentou-se criar uma imagem de valorização do trabalho em conjunto como a maneira mais eficiente de resolver os

problemas surgidos. Esta situação de controlar a seleção a partir das discussões entre membros de uma comissão técnica faz com que o poder não fique concentrado somente nas mãos do treinador, o qual se torna mais um dos membros da equipe técnica a ponto de alguns cronistas retratarem de forma folclórica o comportamento deste treinador - Vicente Feola, ao dizer que ele cochilava no banco de reservas, imagem que foi entendida literalmente e entrou para o imaginário coletivo como sinônimo de verdade, quando na realidade cronistas, como Mario Filho, usaram da figura imagética para tentar demonstrar que o treinador era uma pessoa com pouco expressividade no banco de reservas, ele podia estar ali, em casa ou dormindo, que na visão deste cronista pouca coisa mudaria (RODRIGUES FILHO, 1958, p. 5).

3.4. Relacionamento com os outros

O padrão de autorregulação e a maneira como esse modelo se integra com as pulsões de um indivíduo daqueles que o rodeiam, muda segundo as influências externas apresentadas ao longo da vida. A vida na sociedade moderna faz com que se tenha uma maior cadeia de interdependência, aumentando o número de pessoas com que o indivíduo tem contato e isto requer equilíbrio, estabilidade e capacidade de autocontrole relativamente alta, de maneira que se consiga ter uma imagem positiva do homem brasileiro, durante as suas relações sociais. Por isso, uma das exigências colocadas era de que todos os jogadores deviam

Tratar com o devido respeito os dirigentes, os responsáveis e auxiliares da seleção, os representantes da crônica esportiva, os funcionários de hotéis e alojamentos, bem como observar o maior espírito de coleguismo para com os seus companheiros (PPMC, artigo 65).

Em vários artigos busca-se enfatizar a importância da valorização dos companheiros, neste caso especificamente a preocupação parece estar voltada para uma

questão ética, pois esta norma está relacionada com o comportamento que se deve ter com as outras pessoas, destacando o tratamento cortês a ser oferecido para as pessoas da imprensa, contudo a ênfase vai para o respeito com os amigos, o que leva a entender que os jogadores não deveriam falar mal dos membros da comissão técnica, bem como dos seus colegas de equipe, principalmente para os representantes da imprensa. Posicionamento que é reforçado por Pelé, quando este jogador relata que:

(...) Quando um jornalista chegava, geralmente criava um mal estar. O jornalista procurava o jogador que devia estar descontente. Não era por mal, era para fazer uma reportagem mais viva. O leitor segundo o jornalista gostava destas coisas (NASCIMENTO, *op cit*, p. 164).

Estas palavras minimizam a situação dos representantes da imprensa, os quais normalmente buscavam os jogadores descontentes, pois desta forma conseguiam retratar situações inéditas, ou ao menos, levar ao público uma história interessante. O planejamento procurava evitar que os jogadores tivessem contato direto com os empresários e jornalistas, que eram sempre vorazes, buscando realizar ações políticas que levassem a conquista do jogador ou pudesse fornecer um furo e para isto, nenhum dos dois personagens tinha limites.

Não era prudente misturar negócios e futebol durante a Copa do Mundo, era preciso realizar um grande esforço para que elas fossem vistas como coisas distintas. Sabendo destas dificuldades, definiu-se junto a comissão técnica que Carlos Nascimento seria o homem que iria representar o Brasil junto a imprensa para evitar que os jogadores tivessem desgastes como os ocorridos com as seleções anteriores, por isso ninguém deveria ficar conversando com os repórteres sem prévia autorização.

Muitos cronistas criticaram este planejamento, mostrando que ele era muito detalhista e de um nível de exigência muito acentuado. Contudo, os seus idealizadores acreditavam que para conseguir uma modificação no comportamento dos jogadores era

necessário um alto nível coercitivo. A preocupação estava voltada para a ausência de autorregulação dos jogadores, o que leva a um comportamento vulnerável semelhante ao de uma criança. Neste sentido, acreditou-se que eram necessários muitos esforços preventivos para que se tornasse possível uma convivência social exemplar. Ou seja, buscou-se através do PPMC trabalhar com a relação entre processos sociais e ações individuais civilizadas. Mas, para tentar evitar as possíveis destabilizações externas definiu-se que

Fica expressamente proibido aos atletas da seleção nacional, durante o período de convocação, até dispensa definitiva, imiscuir-se em assuntos que digam respeito a pedido de donativos, bem como lhes é vedada a participação, a qualquer título – gracioso ou remunerado, em qualquer tipo de propaganda comercial (PPMC, artigo 73).

Provavelmente a grande maioria dos jogadores não tenha compreendido sobre o que estava se referindo este artigo, a não ser que de forma sintética, pois ele diz que o jogador não pode participar de nenhum tipo de campanha beneficente durante a realização da Copa do Mundo, nem fazer propagandas comerciais, não se tem clareza se o objetivo desta atitude era evitar algum tipo de assédio dos jogadores, ou controlar os possíveis contratos dos jogadores do selecionado. Na visão dos dirigentes da CBD, os jogadores não conseguiam controlar a sua vida econômica e para evitar problemas definiu-se que “Aos atletas não é permitido a assinatura de vales despesas nos hotéis ou locais de concentração, correndo por sua conta os gastos sobre o que não esteja facultado e autorizado pela chefia da delegação” (PPMC, artigo 91).

4. Considerações finais

Ao analisar o PPMC não se trata de tentar estabelecer uma ordem hierárquica para perceber o quanto ele influenciou na obtenção do primeiro título mundial de futebol do Brasil em uma Copa do Mundo, até porque o próprio futebol fornece alguns

exemplos que eliminam qualquer possibilidade de tentar determinar os resultados por meio de um único fator. Nesta mesma competição (Copa do Mundo de 1958), por exemplo, houve todo um minucioso processo de estruturação do mundial e de preparação da equipe Sueca que era anfitriã do evento, sendo noticiada pela imprensa da época como modelo de organização, mas isto não foi suficiente para que vencessem a Copa do Mundo. Da mesma forma, o futebol brasileiro foi considerado quase imbatível na Copa de 1950, mas acabou derrotado na partida final. Desta maneira, pode-se dizer que organização e/ou eficiência técnica, sozinhos, não produzem resultados satisfatórios.

Isto nos leva a acreditar que os esforços modernizadores presentes no PPMC tiveram um papel importante na conquista do primeiro título brasileiro em uma Copa do Mundo, mas a sua eficácia foi decorrente de uma preocupação generalizada deste planejamento, que estava voltado para os aspectos técnicos, físicos, psíquicos, sociais e culturais dos jogadores, sendo, portanto, mais adequado pensar a relação estabelecida entre a sociedade e o indivíduo, o que nos possibilitou pensar a mudança de comportamento como parte de um processo envolto por uma cultura política que procurou criar a imagem de um Brasil Moderno, mas deparou-se com uma série de dilemas, os quais paulatinamente foram incorporados pela nossa sociedade como elementos da nossa identidade.

É preciso considerar que as transformações nas estruturas da personalidade dos jogadores, fazem parte do desenvolvimento das estruturas sociais. O PPMC pode ser considerado como um dos aspectos da mudança no padrão social a que o indivíduo foi submetido, através da restrição externa, levando-o a se autocontrolar. Contudo, estas mudanças só têm efeito quando elas são reiteradas até que as coações externas sejam

desnecessárias, devido a repulsa interna adquirida para determinadas situações.

Entender os mecanismos de controle da CBD e a forma com que eles foram recebidos pelos jogadores e tencionados por alguns cronistas é algo bastante importante para que se possa perceber as contradições presentes na sociedade brasileira em um momento de transformações das tradições, frente a conquista do primeiro título mundial de futebol.

Contudo, o que se pode visualizar é que atingir o título máximo no futebol mundial não foi suficiente para acabar com os dilemas que se faziam presentes no discurso midiático e no ideal de modernidade da elite local. Mas se não era possível montar uma equipe esteticamente no padrão europeu, na Copa do Mundo da Suécia conseguimos apresentar uma equipe biologicamente saudável, socialmente controlada e esportivamente vencedora. Mas dizer que isto foi um processo civilizacional é muito perigoso, pois no ano seguinte o Botafogo fez uma excursão para a mesma Suécia e o resultado foi Ulf Lindberg, um filho produzido por Garrincha em mais uma das suas noitadas.

Referências

BATISTA, Bruno; LOURENÇO, Jorge; CARRION, Pedro. Glorioso perde velho ídolo. Rio de Janeiro: *Jornal dos Sports*, 2 de maio de 2005.

BARROSO, Ari. Biografia. Disponível em: <http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_4362.html>. Acesso em: 25 Mai. 2008.

BELOCH, Israel; ABREU, Alzira Alves (coord.). DHBB – *Dicionário Histórico Bibliográfico Brasileiro: 1930-1983*. Rio de Janeiro: Forense Universitária/Cpdoc, 1984.

BUARQUE, Paulo. Planet. Disponível em: <http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_4606.html>. Acesso em: 10 jun. 2008.

CARDOSO, Tom & ROCKMAN, Roberto. *O marechal de vitória: uma história de rádio, tv e futebol*. São Paulo: A Girafa, 2005.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. Companhia das Letras: São Paulo, 1992.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

DUNNING, Eric e MENNELL, Stephen. “Prefácio à edição inglesa”. In: ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

ELIAS, Norbert. *Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. *The Civilizing Process – sociogenetic and psychogenetic investigations*. Massachusetts: Blackwell, 2000.

_____. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ERTHAL, Luiz Augusto & BORGES, Vanderlei. *Zagalo, um vencedor: a fantástica história do único tetracampeão mundial de futebol*. Rio de Janeiro: Erthal, 1996.

EX PRESIDENTES. Os imortais. Disponível em: <http://www.aceesp.org.br/presidentes_imortais.asp>. Acesso em: em 25 mai. 2008.

FREITAS JUNIOR, Miguel A. Garrincha: Gênio ou descivilizado. In: *Anais do IX Simpósio Internacional do Processo Civilizador*. Ponta Grossa, PR: CEFET, 2005.

FREYRE, Gilberto. *Modos de homem & modas de mulheres*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

IAZETTI, Flávio (criador da Escola de Árbitros da Federação Paulista). Disponível em: <<http://www.terceirotempo.com.br/QFL/Conteudo.aspx?ID=62792>>. Acesso em 30 mai. 2008.

LYRA FILHO, João. *Taça do Mundo de 1954*. Rio de Janeiro: Pongeti, 1954.

_____. *Introdução à Sociologia dos Desportos*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

MENNELL, Stephen. *Norbert Elias – an introduction*. Dublin: University College Dublin Press, 1998.

NAPOLITANO, Marcos. *Cultura Brasileira: utopia e massificação (1950-1980)*. São Paulo: Contexto, 2001.

NASCIMENTO, Edson Arantes. In: RODRIGUES FILHO, Mario. *Viagem em torno de Pelé*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor. 1963.

_____. *Pelé, a autobiografia*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

OLIVEIRA, Marcio. O ISEB e a construção de Brasília: correspondências míticas. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 21, n. 2, maio/ago. 2006.

PLANO Paulo Machado de Carvalho. In: CARDOSO, Tom; ROCKMAN, Roberto. *O marechal de vitória: uma história de rádio, tv e futebol*. São Paulo: A Girafa, 2005.

RODRIGUES FILHO, Mario. Precisamos manter o treinador acordado. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 05 de junho de 1958.

RODRIGUES, Ernesto. *Jogo duro: a história de João Havelange*. São Paulo: Record, 2007.

RODRIGUES, Nelson Falcão. Meu personagem da semana: Didi e Guiomar. *Revista Manchete Esportiva*, 26 abr. 1958.

_____. *A sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *A Pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.